

PRIMEIRAS TENTATIVAS DE SONORIZAÇÃO NO CINEMA BRASILEIRO (OS CINEMATÓGRAFOS FALANTES – 1902 – 1908)

FERNANDO MORAIS DA COSTA – PPG-UFF

1. Primeira vinda

O termo cinematógrafo falante é encontrado em documentos da época se referindo genericamente a diversas patentes que procuram concretizar, a partir de 1902, a união das imagens e dos sons, mediante exibição sincronizada, por meio de cabos, de um projetor e de um gramofone. Em 1902, há o registro de uma rápida passagem de tais aparelhos pelo Brasil. Vicente de Paula Araújo encontrou em *O comércio de São Paulo*, de 14 de março daquele ano, a seguinte notícia: “De Paris, escreve-nos o Sr. Vitor de Maio anunciando o seu breve regresso a esta capital, onde exhibirá o *Phonocynematographo*, a última novidade de Edison, isto é, reprodução de cenas animadas combinadas a um grande *phonographo* automático”.¹ E, de fato, cerca de um mês e meio depois, Vitor De Maio apresentava a novidade no Salão Paris em São Paulo, na Rua São Bento, 77, batizada de *Cinephone*, ou cinematógrafo falante, devidamente anunciada no *Comércio de São Paulo* de 3 de maio de 1902. Há notícia de outra exibição no dia 18 do mesmo mês, sem ficar claro se nesse ínterim houve outras sessões. Dentro do programa composto por seis curta-metragens, o programa de 18 de março cita como falante apenas um deles, a peça *Geneviève de Brabant*.

Poucos dias depois, surgia em São Paulo aparelho similar, trazido pelas mãos do ilusionista italiano Cesare Watry, e exibido no Teatro Sant’anna. O mesmo jornal, em 7 de junho de 1902, anuncia: “Pela primeira vez em São Paulo, o verdadeiro e aperfeiçoado *Cinophon-falante*, a maior surpresa do século”² Araújo comenta o relativo fracasso do aparelho, que teria realizado apenas duas projeções. O filmete com som era uma ária da *Carmen*, de Bizet.

Em 31 de julho, o mesmo Watry encontra-se no Rio de Janeiro, exibindo o mesmo aparelho com a mesma programação, e com a mesma recepção calorosa da imprensa, desta vez por conta da *Gazeta de Notícias*: “Pela primeira vez nesta capital a grande novidade do dia: o Cinematógrafo falante exhibirá trechos de diferentes óperas, entre outras, a *Carmen* de Bizet.”³ Araújo estranha, também com relação aos espetáculos cariocas, que apesar do calor da novidade o cinema falante de Watry tenha dado apenas

três apresentações. Analisando-se em conjunto as três exibições no Rio de Janeiro e as duas paulistas, constata-se um real fracasso, tenha sido por desinteresse do público ou por funcionamento precário do aparelho, o que é mais provável. Nunca é demais lembrar que as tentativas de sincronização entre imagem e som, que perpassam todo o período de trinta anos posteriormente conhecido como mudo, constituem uma longa trajetória de ações mal-sucedidas, de aparentes sucessos, sempre efêmeros, até que, apenas no fim da década de 1920, o problema viesse a ser solucionado de uma vez por todas, como veremos no segundo capítulo.

2. Segunda vinda

Uma segunda passagem dos cinematógrafos falantes pelo país é registrada entre 1904 e 1905. Vicente de Paula Araújo encontrou notícias de exibições no Rio de Janeiro e em São Paulo. Porém, procurando por registros correspondentes em outras partes do Brasil, encontramos o francês Edouard Herve, o mesmo que estaria nas cidades citadas, chegando antes no norte do país, com o Cinematógrafo Lumière Aperfeiçoado, vulgo cinematógrafo falante.

O pesquisador Marcos Fábio Melo Matos descobriu, entre os jornais *A Pacotilha* e o *Diário do Maranhão*, o registro da temporada do francês em São Luís. Vindo de Belém do Pará, Herve estreaava seu cinematógrafo falante no Theatro São Luís, no dia 30 de abril de 1904, um sábado. As exibições constavam de uma conjugação do Cinematógrafo Lumière com um Zoofone, concorrente da marca Gramophone. *A Pacotilha* de 02 de maio, segunda-feira, critica o espetáculo, comentando que “a parte falada é um tanto quanto desarmônica” e que “poderia ser melhor, o que não significa que seja má”⁴

No fim de semana seguinte, dias 07 e 08 de maio, Herve volta a realizar suas exibições. Na segunda-feira, *A Pacotilha* esclarece para os leitores que os defeitos durante as projeções se deviam a uma falha no motor, impossível de ser reparada em São Luís. Há ainda notícia de uma sessão em 13 de maio, uma sexta-feira. Em seguida, Herve se dirige ao sul do país. Seria encontrado no Rio de Janeiro, seis meses depois, em novembro. É provável que, repetindo o trajeto de ambulantes anteriores, como Figner, tenha parado em outras cidades rumo ao sul, demonstrando o aparelho, conquanto ele funcionasse. Máximo Barro cita uma exibição de Herve em Salvador, mas não precisa a data.⁵

Aqui se coloca uma questão que achamos pertinente demarcar. Em oposição a uma centralização no Rio de Janeiro e em São Paulo deste fenômeno das primeiras exhibições com sincronização mecânica entre sons e imagens, é importante notar a rota de Hervet, bem como a de Figner, vindo do norte, aportando em Belém do Pará e percorrendo um caminho que mapeia o norte e o nordeste antes de chegar ao sudeste, à capital do país. Nos casos em que há um recorte nacional, existe sempre o perigo de circunscrever a história do cinema, assim como qualquer manifestação cultural, àquele que foi historicamente construído como o centro, seja cultural ou econômico, do país. No caso, é importante o esforço de abrir o mapa até encontrar o fenômeno que é o nosso objeto de estudo espalhado pelos outros estados, e ainda, neste caso específico, não só encontra-lo no norte, mas reconhecer esse norte como seu ponto de partida.

Vicente de Paula Araújo encontra Hervet e seu Cinematógrafo Lumière aperfeiçoado no teatro Lírico, no Rio de Janeiro, em 26 de novembro de 1904, como informado pela *Gazeta de Notícias*. A sessão, como as da primeira vinda, compunha-se de vários curta-metragens, dentre eles um falante. Sucesso entre os curtas mudos fez o *Cake Walk infernal*, de Meliès, que também havia sido exibido nas sessões maranhenses. O falante era uma versão filmada da canção *Bonsoir Madame la lune*, cantada pelo Sr. Mercadier. O cinematógrafo falante de Hervet ficaria no Teatro Lírico até 20 de dezembro. Além de *Bonsoir Madame la lune*, exibiria, dentre seus curtas, os falantes *Selon la saison* e *La femme est un jouet*, ambos cantados pelo mesmo Mercadier e *Conversação telefônica*, com o Sr. Galipaux.

No ano seguinte, em 25 de fevereiro, um sábado, o mesmo espetáculo estava no Teatro Apolo. O falante daquela sessão era, ainda, *Bonsoir Madame la lune*.⁶ Em 1º de março, Hervet estréia em São Paulo, no Teatro Sant'anna, o mesmo aparelho e os mesmos filmes. No decorrer daquele mês, o *Comércio de São Paulo* tece comentários elogiosos às exhibições. De qualquer forma, tendo havido êxito ou não, a temporada paulista não dura mais que o mês de março.

Com Hervet, como nas poucas sessões de 1902, de Vitor di Maio e Cesare Watry, detecta-se um padrão do que foram essas primeiras projeções com imagens e sons sincronizados. As atrações falantes daqueles programas se tratavam de um filme de um rolo, ou seja, o tempo de execução da canção, inserido em uma sessão composta de vários curta-metragens. O falante seria a atração principal do programa, muitas vezes encerrando a sessão.

Hervet estará de volta ao Rio de Janeiro no fim do mesmo ano. Antes, Máximo Barro encontra-o em Curitiba, com a notícia de uma sessão ocorrida a 06 de julho.⁷ Em 09 de outubro, desta vez é o Teatro São Pedro que recepciona o cinematógrafo falante em terras cariocas. *Selon la saison*, já exibido no início do ano, ainda é a atração falante. Cabe lembrar que a falta de variedade dos programas se justifica pela necessidade da importação desses filmetes europeus. Enquanto não houvesse condições de empreender nova viagem à Europa e comprar outro lote de atrações o empresário em trânsito pelo Brasil não tinha opção, a não ser conseguir o máximo de lucro possível com o catálogo que tinha à mão.

No dia 4 de novembro daquele ano de 1905, o Teatro Lírico anunciava um concorrente de Hervet: o Cinematógrafo Falante Pathé, da Empresa Candburg. A *Gazeta de Notícias* do dia seguinte informa sobre a sessão, descrevendo um sucesso relativo de público, que teria saído satisfeito, embora houvesse preenchido apenas cerca de um terço da lotação da casa⁸. Segundo o jornal, aquele aparelho permaneceu no Lírico até 15 de novembro. Os filmes falantes da empresa atendiam pelos títulos: *Berceuse*, *La fiacre*, ambos cantados pela Mlle. Yvette Guilbert, *A mosca*, *Cansam as virgens*, estes cantados pelo Mr. Galipaux, além dos velhos conhecidos do público *Selon la saison* e *La femme est un jouet*.

Há registro do mesmo espetáculo da Empresa Candburg em São Paulo, no ano seguinte, a 09 de maio de 1906, no mesmo Teatro Sant'anna que recepcionara Hervet. A notícia é do *Comércio de São Paulo*, e está transcrita por Araújo. Fato importante é que o texto faz propaganda do sucesso anterior em outras cidades, citando não só o Rio de Janeiro, mas também Santos e Buenos Aires, no Teatro Polytheama.⁹ Esta informação é relevante por delinear partes do caminho percorrido nos seis meses de intervalo entre as exibições cariocas e aquela chegada em terras paulistas. Máximo Barro traz ainda a notícia de uma exibição da empresa em Campinas.

Confirmando a hospitalidade do Teatro Sant'anna para com os cinematógrafos falantes, outra empresa, a Star Company, ocupa aquela sala, ao fim do mesmo ano de 1906, estreando a 3 de novembro. O *Comércio de São Paulo* do dia seguinte elogia a qualidade da exibição, nítida e sem trepidações, e noticia o sucesso de público. O Cinematógrafo Falante Aperfeiçoado da Star Company permaneceria no Sant'anna até 2 de dezembro, um mês, portanto. Barro encontra, sobre este aparelho, indícios de uma exibição em Curitiba, três dias depois da despedida de São Paulo.¹⁰

Este segundo ciclo dos cinematógrafos falantes, se podemos fecha-lo assim, que dura desde abril de 1904, com a chegada de Hervet ao Maranhão, até a última notícia de exibição sua, no fim de 1905, no Rio de Janeiro, mais os espetáculos dados aqui e ali pelas empresas Candburg e Star Company, que chegam ao fim de 1906, descreve um êxito expressivo, em contraposição às sessões esporádicas de 1902. Apenas no Rio de Janeiro, por exemplo, trata-se de um período que, claro, sem ter sido de exibições contínuas, diárias, compreende cerca de um ano e meio de projeções em que sons e imagens estiveram sincronizados mecanicamente. São exibições que perpassaram o território nacional, pelo menos, segundo os indícios levantados, de Manaus a Curitiba, de norte a sul.

Mas Hervet, fora de cena desde dezembro de 1905, ainda voltaria, com o mesmo negócio.

3. Volta de Hervet, e um surto de falantes

Em 16 de março de 1907, Hervet está de volta a São Luís do Maranhão, trazendo mais uma vez, um cinematógrafo. A *Pacotilha* anuncia a estréia do aparelho dois dias depois, na edição de 18 de março. Os exemplares do dia 22 do mesmo mês informam que uma das fitas era uma Paixão de Cristo falante, exibida por ocasião da Semana Santa (programa costumeiro, diga-se de passagem, por anos a fio, do qual encontra-se registro em várias cidades), tendo sido motivo de grande êxito. O jornal anuncia a despedida de Hervet na edição de 17 de abril de 1907, não se esquecendo de elogiar a derradeira sessão.¹¹

Edouard Hervet estava de partida, como na primeira vinda, para o sul. E, exatamente como daquela vez, seria encontrado, seis meses mais tarde, na capital federal. Vale ressaltar, antes deste texto deixar o Maranhão, que o estado participa (ou, se poderia dizer, antecipa) do surto de falantes que chega ao país entre 1907 e 1908. Ainda em 1907, entre os dias 14 e 16 de agosto, surge em São Luís o Cinematógrafo Gaumont, que, assim como o aparelho de Hervet, seria encontrado mais adiante no sul. Foram, segundo os registros da *Pacotilha*, três sessões, e o jornal não lhes poupa críticas. Em determinado momento, comentando o sincronismo, ou a falta dele, a matéria diz que “a audição de uma *scena* da *Cavalleria Rusticana* foi boa, apesar das falhas notadas, a princípio, na combinação dos aparelhos”. Mais à frente, sem meias palavras, a

conclusão é de que foi “um verdadeiro desastre o Cinematógrafo Gaumont”. Informação relevante sobre a partida da Companhia Norte-americana, este o nome da empresa que dentre outras atrações exibia o Cinematógrafo Gaumont, diz que naquele 19 de maio de 1907, a empresa e o cinematógrafo partiam para o Ceará. De fato, o aparelho da Gaumont será encontrado no Rio de Janeiro apenas no ano seguinte, o que pressupõe várias paradas no caminho para o sul, assim como se pode supor o mesmo a respeito de Hervet. Não estarem aqui detalhadas não significa que exibições por outros estados sejam improváveis. Significa tão somente que esta pesquisa não teve acesso a documentação tão detalhada referente a eles como teve com relação ao Maranhão.

Há ainda, em São Luís a notícia de um outro cinematógrafo falante, vindo de Belém, chamado apenas assim, sem identificação de firma ou de patente, que manteve sessões no início de 1908, entre os dias 08 e 12 de fevereiro. Em março do mesmo ano, chega da Europa o Cinematógrafo Falante da Empresa Fontenelle. O Cinematógrafo Fontenelle estreou em uma noite de sábado, 07 de março de 1908 e manteve sessões regulares até o dia 22 do mesmo mês. Um segundo período de exibições ocorreu de 5 a 10 de maio. Digno de nota foi o sucesso, como no ano anterior, da Paixão de Cristo falante, exibida, como de praxe, na Semana Santa. Matos sublinha que o Cinematógrafo Fontenelle foi o que permaneceu por mais tempo na cidade, dentre o conjunto de aparelhos de apresentações efêmeras, sempre de partida para outras capitais.¹²

Voltando a Edouard Hervet, já no Rio de Janeiro, sua reestréia na cidade está documentada por Araújo, que reproduz a matéria da *Gazeta de Notícias* de 28 de agosto de 1907. As apresentações ocorreram no mesmo Teatro Lírico da vinda anterior. A notícia explica a conhecida combinação de fonógrafo e projetor, e detalha o programa, composto de 17 curta-metragens, divididos em três blocos. É mantido o padrão dos anos anteriores: apenas um curta é falante, apresentado como atração principal da sessão. Desta vez, trata-se da canção *La juive, Rachel quand du seigneur*, cantada por Gauthier, artista da Ópera de Paris. Cabe ressaltar que no intervalo entre os blocos uma orquestra, regida por Luigi Donati, entretinha o público.¹³ O mesmo espetáculo previa, portanto, acompanhamento sonoro mecânico, pelo fonógrafo em sincronia com o projetor, e música ao vivo, pela orquestra, ressaltando, ao que tudo indica, que esta não acompanhava os filmes, sendo executada apenas nos intervalos entre eles. Hervet manteria seu espetáculo no Lírico até 07 de novembro, tendo permanecido em cartaz, portanto, por mais de um mês. Os falantes faziam sucesso. Em 24 de novembro, outro empresário, iniciando seus negócios com o cinema, exhibe sua primeira fita falante. É William Auler,

que, no seu Grande Cinematógrafo Rio Branco, anuncia árias de óperas famosas cantadas pelos mais célebres artistas europeus. Uma ária de *Tamagno* é a primeira fita a ser exibida. Estava entrando em cena aquele que seria, a partir do ano seguinte, o maior produtor e exibidor dos filmes cantantes no Rio de Janeiro, dos quais falaremos bastante, em breve. William é o nome adotado por Cristóvão Guilherme Auler, nascido em Petrópolis em 1865. Segundo Hernani Heffner, após voltar dos Estados Unidos, onde passa a juventude, Auler se aproxima do meio cinematográfico fornecendo cadeiras para as salas. Em 1907, como dissemos, funda o seu cinema. Mais tarde, reformado, o Rio Branco teria mais de 700 lugares, e abrigaria os grandes sucessos dos cantantes até 1911, quando fecharia as portas.¹⁴

Há ainda notícia de um cinematógrafo falante no Rio de Janeiro antes do fim de 1907. Em 7 de dezembro, o Teatro São Pedro anuncia o aparelho pertencente à Empresa Starcy, citado de forma enigmática como “o único do gênero na América do Sul”. Em 1908, a cidade continua a receber os falantes. O Cinema Palace, de Labanca e Leal, na Rua do Ouvidor, 149-B, apresenta pela primeira vez, a 27 de janeiro, o Chronophone Gaumont. *A Gazeta de Notícias*, de 28 de abril de 1908, informa que o mesmo aparelho continuava em cartaz, naquela data, no mesmo cinema, e destaca “a extraordinária precisão do sincronismo, garantindo assim a perfeição e certeza do cinematógrafo falante”.¹⁵ Caso as exibições tenham sido contínuas, supor-se-ia três meses de sucesso do falante no cinema de Labanca e Leal.

No segundo semestre, outros aparatos similares surgem no Rio de Janeiro. O Teatro Lírico, que exibira, no ano anterior, o aparelho de Herve, anunciava em setembro o Sincronoscópio Lírico, cinematógrafo acompanhado de um zonophone. Há o registro de que a fita falante desta ocasião era uma ária da ópera *Amica*, de Mascagni. Em 23 de outubro, o Cinema Pathé anunciava o seu falante, o Synchrophone Pathé, de cujo programa constavam “projeções animadas, falantes, perfeitas! Trechos de óperas, canções, duetos, diálogos, etc. Combinação perfeita do som e da fita.”¹⁶ Há notícia de um Synchrophone Pathé em São Paulo, anunciado como o único aparelho falante da empresa francesa na América do Sul, exibido no Proprietor-Theatre a 20 de outubro.¹⁷ É provável que se trate do mesmo aparelho, que teria assim seguido para São Paulo logo após a exibição carioca. O último falante no Rio de Janeiro, em 1908, citado pelos jornais é o Cinematógrafo Falante Gaumont, do qual já tivéramos notícia em São Luís. Estreou no Cinema Colosso, em 3 de novembro.

Assim, observa-se, entre 1907 e 1908, um surto de cinematógrafos falantes que tornou contumaz a reprodução mecânica do som por meio de fonógrafos nos cinemas, prática que se impunha desde 1904. Porém, aquele ano de 1908 seria marcante por compreender uma nova e inusitada forma de sincronismo, “uma outra dimensão na relação entre imagem e som”, nas palavras de Lécio Augusto Ramos¹⁸, conhecida como os filmes cantantes, mas isso é assunto para outra ocasião.

¹ ARAÚJO, Vicente de Paula. *A bela época do cinema brasileiro*. São Paulo: Perspectiva, 1976. p.76

² ARAÚJO, Vicente de Paula. *Salões, circos e cinemas de São Paulo*. São Paulo: Perspectiva, 1981., p.83.

³ ARAÚJO, 1976, p.178.

⁴ MATOS, Marcos Fábio Melo. *E o cinema invadiu a Atenas: a história do cinema ambulante em São Luís 1898 – 1909*. São Luís: FUNC, 2002. p. 100.

⁵ BARRO, Máximo. *Na trilha dos ambulantes*. São Paulo: Maturidade, 2000. p. 119

⁶ Gazeta de Notícias, 25 de fevereiro de 1905, apud ARAÚJO, 1976, p.169.

⁷ BARRO, op.cit, p. 119

⁸ ARAÚJO, 1976, p. 175

⁹ ARAÚJO, 1981, p. 128.

¹⁰ BARRO, op. cit. P. 119.

¹¹ apud MATOS, 2002, p. 102-104.

¹² MATOS, op. cit. p. 124.

¹³ ARAÚJO, 1976, p.201-205.

¹⁴ RAMOS, Fernão, MIRANDA, Luís Felipe. *Enciclopédia do Cinema Brasileiro*. São Paulo: SENAC, 2000. p.35.

¹⁵ apud ARAÚJO, 1976, p. 220-244.

¹⁶ Gazeta de Notícias de 14 de novembro de 1908, apud ARAÚJO, 1976, p.272.

¹⁷ ARAÚJO, 1981, p. 162.

¹⁸ in: RAMOS, MIRANDA, 2000, p.241.